

COLETIVOS DE PSICANÁLISE: FAZER CLÍNICA COM FREUD E OUTROS ALIADOS

Anderson Santos³⁰

INTRODUÇÃO

Este artigo trata da transmissão de duas conferências que realizei em 2024, em torno do tema coletivos de psicanálise e as práticas clínicas em espaços públicos, assim como da reflexão acerca dos territórios, do campo analítico e os nossos caminhos na história e no presente momento. Essas conferências foram transformadas em um texto especial para os *Cadernos de Subjetividade*. Algumas notas de rodapé foram acrescentadas como sugestão de leitura ou breves explicações de ideias, uma vez que não há o objetivo de ampliar essa quase transcrição aqui e agora.

A primeira apresentação aconteceu no dia 15 de janeiro, quando participei do encontro organizado pelo “Free Psy Project” no Freud Museum, em Londres, local onde Sigmund Freud (1856-1939) viveu até sua morte e onde sua filha, Anna Freud (1895-1982), continuou morando até falecer em 1982. O Workshop do projeto Free Psy³¹, ligado à Universidade de Essex³², no Reino Unido, trata-se de uma espécie de laboratório que procura contribuir para a abertura de possibilidades ao mundo e ao campo psicanalítico. Por meio dos diálogos, pude perceber que o desejo de construir coletividades e aliados ao redor do mundo permanece vivo. Embora vivamos lutas singulares em nossos territórios, elas são, ao mesmo tempo, coletivas, refletindo os problemas enfrentados globalmente, visto que o capitalismo e o colonialismo ainda persistem não apenas sobre terras e territórios, mas também em nosso modo de vida. Mantemos vivo um

³⁰ Psicanalista, membro do coletivo Psicanálise na Praça Roosevelt, graduado em Psicologia, mestre em “Ciências da Saúde” e especialista em “Saúde Mental, Imigração e Interculturalidade” pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Foi organizador do livro *Uma política da loucura e outros textos – François Tosquelles* (2024, ed. Ubu e sobinfluência edições), *Psicanálise e Esquizoanálise: diferença e composição* (2022, n-1 edições) e *Guattari/Kogawa. Rádios livres. Autonomia. Japão* (2020, sobinfluência edições). Contato: contato.clinicand@gmail.com.

³¹ Saiba mais em <https://freepsyproject.com/>.

³² O projeto Free Psy é coordenado na Universidade de Essex por Raluca Soreanu, com a colaboração de diversos pesquisadores, entre os quais Ana Minozzo, Sarah Keeling-Smith, Ana Tomcic, Ivan Ward, Julianna Pusztai, Lizaveta van Munsteren, além de outras importantes contribuições.

desejo, um sonho e o processo contínuo de somar com novas alianças através do comum, do comunitário e coletivo.

O evento contou com a presença de dois ladino-amefricanos³³ que compartilharam suas pesquisas e práticas em coletivo: Carolina Besoain, uma psicanalista chilena, membra do *Trenza Colectivo*, que tem articulado psicanálise e feminismo, e eu, que pude compartilhar alguns pontos da minha prática, pesquisa, reflexões e relato de experiência no coletivo *Psicanálise na Praça Roosevelt*. Vale salientar que esse encontro aconteceu um dia antes da inauguração da mostra “Freud and Latin America” no museu, proporcionando uma frutífera interação entre psicanalistas do Brasil, Chile, África do Sul, Grã-Bretanha, Argentina, Hungria, Romênia e Rússia.

A segunda apresentação que permeia esse texto aconteceu em 24 de abril, a convite da psicanalista e professora Aline Souza Martins, que conseguiu nos reunir na Universidade de São Paulo (USP), mais especificamente no Laboratório Psicanálise, Sociedade e Política (PSOPOL) do Instituto de Psicologia³⁴, para discutirmos sobre “Re-criar a psicanálise pelos espaços públicos”. Desta vez, em território brasileiro, tive a oportunidade de estar na mesa com Ana Minozzo, Kwame Yonatan e Gabriel Binkowski. Foi inspirador ouvi-los em suas diferentes jornadas pelos espaços públicos.

Em síntese, Yonatan, sob o título “Mil trutas, mil tretas”, abordou o margear na clínica, destacando as clínicas públicas como uma “heterogeneidade de iniciativas”. Binkowski trouxe à tona as disputas de línguas e o conceito de devir-menor. Minozzo, por sua vez, introduziu a ideia de um “comum-undeground” e discorreu sobre a alienação estética, afirmando que estar aberto às formas de psicanálise é também estar aberto às formações do inconsciente.³⁵ Ela mencionou o trabalho da filósofa e artista Denise Ferreira da Silva³⁶, as eco-feministas, a viscosidade porosa da imaginação, além de seu trabalho coletivo com imigrantes em situação de sofrimento psíquico em Londres, e, por fim, a necessidade de quebrar os portões da institucionalização.

³³ O conceito de América Ladina foi inventado pelos psicanalistas Magno Machado Dias (M. D. Magno) e Betty Milan, mas potencializado por Lélia Gonzalez. Ver MAGNO, M. D. *América Ladina: introdução a uma abertura*. Rio de Janeiro: Escola Freudiana do Rio de Janeiro, 1980.

³⁴ O PSOPOL é coordenado por Miriam Debieux e Ivan Estêvão.

³⁵ Ver “Viver a partir do inconsciente: entrelaces de uma ética eco-feminista da psicanálise”. Artigo de Ana Minozzo publicado em *Psicanálise e Esquizoanálise: diferença e composição* (org. Anderson Santos, 2022, n-1 edições).

³⁶ Autora de *A dívida impagável* (São Paulo: Oficina de Imagem Política e Living Commons, 2019) e *Homo modernus: para uma ideia global de raça* (Rio de Janeiro: Cobgô, 2022), entre outros.

DE ONDE EU ESTOU FALANDO

O Brasil, como país colonizado, é profundamente marcado por uma história de resistência à colonização. A importante obra e militância de Lélia Gonzalez (1935-1994) trouxe à tona também uma maneira de resistir com sua inventividade, por exemplo, ao propor o conceito de “pretuguês”. Esse conceito, que desloca a ideia do “português”, demarca a presença e a resistência dos povos indígenas das terras e de origem africana no processo de construção da nossa sociedade. Gonzalez, filósofa e antropóloga brasileira, afirmou que vivemos na “América Ladina” e não em uma “América Latina”, conceito que oculta a participação desses povos em nossa vida cultural. Ao fabricar o conceito de “pretuguês”, Gonzalez reivindica um legado plural e a presença dessas populações no território. Faço parte desse território e reafirmo nossa transculturação na formação de nossos modos de vida.

Essa perspectiva revela a partir de onde falamos: um território que encontra-se com o pensamento de Freud, mas simultaneamente com Gonzalez, Frantz Fanon (1925-1961), Neusa Santos Souza (1948-2008), Maria Lúcia da Silva, Isildinha Baptista Nogueira, entre outros. O pensamento dessas psiquiatras e psicanalistas negras, embora recebam hoje maior visibilidade em alguns espaços do campo psicanalítico, ainda são desconhecidos por muitos. Virgínia Bicudo (1910-2003), por exemplo, foi uma socióloga negra, primeira não-médica reconhecida como psicanalista no Brasil, e autora da primeira dissertação sobre questões raciais no país nos anos 1940.³⁷

Enquanto psicanalistas, escutamos o sofrimento psíquico do sujeito. No entanto, quando questões políticas e sociais são somente individualizadas, os analistas enfraquecem as lutas sociais e desmobilizam ações coletivas. Nesse sentido, não estaríamos, alienados em uma lógica colonial e neoliberal? Um outro aspecto que o campo psicanalítico precisa discutir é sua condição de classe, especialmente no que diz respeito ao pertencimento à classe trabalhadora. Afinal, se os psicanalistas não fazem parte da classe trabalhadora, que lugar ocupam? Talvez alguns se vejam, fantasiem e imaginem-se apenas como herdeiros de Freud, da maneira semelhante ao da

³⁷ Ver BICUDO, Virgínia Leone. Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo. *Sociologia*, São Paulo, Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, v.9, n.3, p. 196-219, 1947.

burguesia herdeira de algum parente, mas não compactuo com esse ideal. A própria palavra “herdeiro” me incomoda.

Fanon (1952 [2008]) nos lembra, com Marx, que não basta interpretar o mundo, mas é necessário transformá-lo. Francesc Tosquelles (1912-1994), psiquiatra catalão, ao lembrar-se de Fanon, afirma que ele “estava sempre indo a algum lugar” (TOSQUELLES, 1975 [2024], p. 173). Ambos mostraram que a luta prática contra a colonização da vida vai além da teoria; é uma batalha cotidiana nos campos da política e que deve almejar emancipação e transformação social.

CONTRA-COLONIZAÇÃO

Félix Guattari (1930-1992) é uma referência que se soma a muitas outras na tarefa de pensar com Freud e outros aliados. A partir das contribuições deste pensador, encontro seu estilo maquínico e processual, sem enclausuramento, como uma atitude psicanalítica que deve seguir por uma via inventiva, conforme salienta Tosquelles (1989 [2024, p. 51): “a psicanálise é caracterizada pela necessidade de invenção”. Em 1980, Guattari diz que

[...] O campo do inconsciente é o de todos os possíveis em todos os campos, o das conexões e não das separações, estratificações e segmentações. Se não houver *fusão entre as práticas analíticas das formações do inconsciente e as práticas políticas das formações sociais*, as mesmas atitudes serão incessantemente reproduzidas, a mesma gregueria dogmática, as mesmas hierarquias, as mesmas relações de exclusão e dominação. A meu ver, uma *ação política deveria virar sinônimo de empreitada analítica*. E vice-versal (GUATTARI, 1980 [2022], p. 161, grifos meus).

Ainda nos anos 1980, em uma entrevista no Japão, ele expressou sua grande crítica ao campo psicanalítico, alegando que os psicanalistas se comportavam como uma espécie de poder colonial em relação ao inconsciente. Os colonizadores, ao invés de conhecerem o novo continente, dedicaram-se a adaptar as populações ao modo de vida e ao capitalismo europeu. Na sociedade neoliberal atual, permanece a lógica de produzir corpos dóceis e úteis ao sistema dominante.

Vale ressaltar uma de suas falas ao afirmar:

[...] minhas ideias sobre psicanálise não me interessam se não me servirem para entender que tipo de merda a gente encontra não apenas na vida pessoal, mas também nas instituições e grupelhos, quero dizer, nas relações de poder e todos esses troços aí. E, ao contrário, considero que, *se não formos capazes de aprender as dificuldades pessoais de*

alguém à luz desses investimentos sociais e da subjetividade coletiva da qual essa pessoa faz parte, não tem como isso dar certo (GUATTARI, 1985 [2022], p. 108, grifo meu).

Para Guattari, alguns psicanalistas realizaram o movimento semelhante ao dos colonizadores, quando não buscaram compreender as lógicas específicas dos sonhos, mitos, neuroses e psicoses, mas tentaram restaurar esses elementos a uma forma de vida dominante. Todavia, o inconsciente é justamente a instância que escapa das realidades dominantes, embora sua textura molecular seja constantemente capturada pelo sistema capitalista.

O sistema em que vivemos produz exclusão e culpabilização de tudo o que se opõe ao seu funcionamento. Um dos grandes problemas é que o capitalismo captura e freia as forças inconscientes, as forças ativas, as forças da vida. Sim, o capitalismo nos oprime e produz desigualdades sociais e sofrimento psíquico. Às vezes, é preciso dizer o óbvio.

O SUJEITO ATUAL

É preciso reconhecer, enquanto trabalhadores do campo da saúde mental, que estamos diante de um novo tipo de sujeito, o sujeito neoliberal, muito bem descrito por Christian Laval e Pierre Dardot (2016). É preciso nos perguntar: como se define esse sujeito? como esse sujeito é atravessado por esse sistema? como cada um funciona com seu desejo nessa sociedade cindida pela herança colonial? Qual camada ou nível de alienação social, colonial, burguesa nos atravessa? Quais são as implicações psíquicas na sociedade neoliberal? Há algo de singular que se expressa nos sintomas contemporâneos, resultante da produção de um modo de vida cada vez mais individualizado. Essa lógica impõe aos sujeitos uma produtividade incessante e uma concorrência constante, que, na verdade, se trata de uma concorrência contra si.

O campo psicanalítico reconhece que, dentro de uma sociedade capitalista, nossa forma de fazer laço é sempre alienada, porém, aparentemente não mostra compromisso com essa desalienação. Fanon, além Tosquelles, convoca a pensar o sujeito político e sua superação. Mas qual a direção política da psicanálise na sociedade? Quando não tomamos alguma posição, enquanto força coletivo, outros decidem por nós, e muitas vezes esse outro vem sob o nome de mercado, ou seja, o sistema capitalista passa a regular nossas instituições. Portanto, apesar de haver algum trabalho de desalienação do sujeito ainda existe a problemática dessa alienação

econômica e política que também está integrada a nossa subjetividade. Então, quais as consequências disso sobre nossas vidas?

O campo psicanalítico reconhece que, em uma sociedade capitalista, nossa forma de fazer laços é sempre alienada. No entanto, aparentemente, não há um compromisso real com essa desalienação.³⁸ Fanon e Tosquelles nos convidam a refletir sobre o sujeito político e sua superação. Mas qual é a direção política da psicanálise na sociedade? Quando não assumimos uma posição concreta, enquanto força coletiva, outros decidem por nós, e esse “outro” muitas vezes se apresenta sob o nome de mercado. Ou seja, o sistema capitalista passa a regular nossas instituições e modos de vida. Assim, embora possa haver algum esforço em desalienar o sujeito em nível psíquico, a alienação econômica e política também está profundamente enraizada em nossa subjetividade, o que mostra um desafio adicional para a prática no campo da saúde mental.

O LIXO FALA

Gonzalez (1980 [2020], p. 12), em “Racismo e Sexismo na Cultura brasileira”, diz:

Ora, na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise. E justamente a partir da alternativa proposta por Miller³⁹, ou seja: por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar? E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (*infans*, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.

González afirma que o racismo constitui a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira e, nesse sentido, sua articulação com o sexismo gera efeitos violentos, especialmente sobre o corpo da mulher negra. Gonzalez (1984 [2020]) declara que “a consciência exclui o que a memória inclui”. Dessa forma, a consciência ocupa o lugar do discurso dominante na sociedade, que rejeita, exclui e interdita outros discursos. Todavia, a memória, por sua vez, carrega sua própria força. Como já nos ensinou Freud, “o eu não é senhor de sua própria casa”, e assim, a

³⁸ Conforme escutei de uma amiga psicanalista, Priscilla Santos Souza.

³⁹ No texto *Teoria da Lalangue* (1976) ele diz “A análise encontra seus bens nas latas de lixo da lógica. Ou ainda: a análise desencadeia o que a lógica domestica” – é desta ideia que ela está falando.

memória, também como força inconsciente, se manifesta através dos tropeços do discurso da consciência.

AS CLÍNICAS PÚBLICAS ALÉM DE FREUD

Não há na história das clínicas públicas um único inventor ou proprietário da fundação dessa prática, pois sempre se tratou de um desejo e mobilização coletiva. Por isso, considero interessante pensarmos em clínicas públicas além “de Freud”⁴⁰, visto que ele não estava sozinho em seus posicionamentos sobre a importância da psicanálise nos dispositivos públicos.⁴¹ Havia uma mobilização coletiva com ele e em torno dele, assim como também podemos perceber na história brasileira do movimento psicanalítico. Muitos outros grupos vieram antes dos que persistem nessa aposta no século XXI. Cito dois exemplos para não me estender: a Clínica Social de Psicanálise no Rio de Janeiro dos anos 1970, realizada por Hélio Pellegrino, Anna Katrin Kemper com a colaboração de um grupo de terapeutas; além disso, também menciono o trabalho de Jorge Broide e Emilia Estivalet Broide com a população em situação de rua, na mesma época e nos anos 1980 – até o presente momento continuam exercendo essa prática –, por meio da metodologia que eles denominaram de escuta territorial⁴². Broide afirma que a experiência que tiveram, tanto na clínica quanto nas intervenções, ensina que

é necessário “colocar o próprio corpo”. Colocá-lo para a escuta do outro no território da cidade implica uma série de passagens. Estas incluem diferenças que se apresentam sem palavras e com toda a força na transferência: diferenças de classe, ideologia, ética, estética, segurança, arquitetura, alimentação, moda, cheiros, barulhos, sons, temperaturas, músicas, produtos nas lojas, e na forma de andar, falar, pensar etc. Estas explodem em nosso corpo enquanto sensações, desejos, repulsa, curiosidade, medo, fascínio, calor, suor, chuva, sol na cabeça, remetendo-nos a seguinte questão central: *Como ser psicanalista nesse turbilhão de fatos e relações em um espaço onde não temos controle e que nos remete a uma situação de fragilidade e desamparo no campo?* (p. 7, grifo meu).

Colocar o corpo para a escuta do outro é o que fazemos enquanto psicanalistas e é o que os coletivos de psicanalistas exercendo a psicanálise nas ruas, praças, estações de metrô/trem,

⁴⁰ Ver DANTO, Elizabeth Ann. (original publicado em 2005) **As clínicas públicas de Freud**: psicanálise e justiça social, 1918-1938. Tradução Margarida Goldstajn. 1ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

⁴¹ Ver Caminhos da terapia psicanalítica (1919). In: FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil*: (“O homem dos lobos”); *Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Trad. de Paulo César de Souza, Vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁴² Ver BROIDE, Jorge; BROIDE, Emilia Estivalet. *A psicanálise em situações sociais críticas*: Metodologia clínica e intervenções (2ª ed). São Paulo, SP: Escuta, 2016.

rodoviárias e periferias da cidade, vêm realizando. Retornando à discussão anterior, gostaria de ressaltar que pensar além de Freud não significa pensar sem ele ou apenas contra ele, ou contra outros que também têm realizado trabalho público há muito tempo, além de seus consultórios privados. Não se trata de apagar nomes, projetos e trajetórias da história. No entanto, é preciso derrubar tanto os ídolos⁴³ quanto aqueles que se desejam fazer de tais e que ainda se pensam como proprietários de um campo que é desde sempre coletivo, pois certamente esses ainda possuem dificuldade em pensar coletivamente. É preciso pensar não somente nas fontes, mas nos efeitos de suas obras e desdobras para um caminho que nos leve a emancipação, desalienação daquilo que produz sofrimento psíquico e social.

ESCOLA DA RUA

Radmila Zygouris insere na prática psicanalítica um princípio de diferença, para que seja feita de outros modos, todavia, é preciso desmontar alguns problemas, ou seja, “desidealizar a psicanálise e evitar a excessiva identificação com os mestres, de modo que possamos manter a necessária distância crítica face a esses seres frágeis e inevitavelmente mais narcísicos que os demais. Ora, só existe referência a uma psicanálise “pura”, quando alguém, em lugar de mestria, se propõe a ser seu fiador” (ZYGOURIS, 2011, p. 17). Ela nos lembra que nem sempre psicanálise e rua estão na mesma frase.

Certa vez, um paciente de Zygouris (2012) lhe questionou qual era sua escola: freudiana, lacaniana etc.? Ela respondeu que faz parte da escola da rua. De acordo com Zygouris, esse ato se tratava de uma interpretação, de uma transferência que se manifesta pela boca, pelo corpo da analista. Mas que, em realidade, foi a rua que se impôs a ela naquele instante. A rua é uma multiplicidade, permeada pelo dentro e fora, onde os espaços são partilhados, mas também codificados, compactados, e frequentemente excludentes. Para se chegar a algum lugar é preciso passar pela rua. A autora destaca que a rua é uma passagem obrigatória entre a vida privada e o mundo exterior. Muitos pacientes/analistas chegam às clínicas públicas ou privadas e dizem o

⁴³ Vale lembrar essa ideia de Nietzsche (1888 [2008], “Prólogo”, 2, grifo meu): “Melhorar a humanidade? Eis a última coisa que eu prometeria. Não esperem de mim que eu erija novos ídolos! Que os antigos aprendam antes quanto custa ter pés de barro! *Derrubar “ídolos” – é assim que chamo todos os ideais* –, esse é meu verdadeiro ofício. É inventando a mentira de um mundo ideal que se tira o valor da realidade, sua significação, sua veracidade...”. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

que encontraram pelo caminho, falando sobre os espaços comuns, enquanto outros permanecem na esfera do privado. De acordo com Zygoris (2012, s/p, grifo meu):

Constatamos diariamente que o inconsciente não reside unicamente na língua e nas palavras que pronunciamos, assim como ele não se revela exclusivamente nos lapsos ou atos falhos. *O inconsciente é nosso corpo* que carrega todas suas potencialidades, inclusive a linguagem. Nosso corpo na rua é seu navio fantasma. O inconsciente não é, portanto, um negócio estritamente doméstico. Já dizia Deleuze que os analistas falam muito da lei, mas nunca do poder.

Em maio de 2017, quando percebemos que as coisas não estavam bem, para onde fomos? Para a rua. Desde então, o coletivo Psicanálise na Praça Roosevelt, exerce uma psicanálise na praça pública, assim como observamos que outros aliados já existiam antes de nós, e dezenas de coletivos de psicanalistas surgiram nos últimos anos. Evidentemente, chegamos no meio, como o rizoma já dito por Deleuze e Guattari.

A rua é o meio e um dos principais locais das manifestações populares. Zygoris afirma que “na rua nós nos reunimos, ficamos juntos e isso pode produzir efeitos que não podem ser excluídos do discurso da psicanálise. O encontro com esse real produz algo novo, subjetivamente.” Dito isso, lembro da frase escrita em uma das atas do nosso coletivo: “desejo de manter o coletivo vivo”. Essa frase consta também em nossa zine.

FAZER COLETIVO

Neste momento, apresento um trecho do nosso *Zine*, escrito coletivamente e publicado em 2023, como parte da coletânea chamada *Clínicas de Borda*. Essa coletânea surgiu e se organizou por meio do Laboratório de Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo (PSILACS), coordenado por Andrea Guerra, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em novembro de 2022, houve nessa mesma universidade, o Ubuntu, 2º Colóquio Internacional de Decolonização e Psicanálise, que também contou com o 1º Encontro Nacional das Clínicas de Borda.

É importante destacar que o projeto das clínicas de borda é uma iniciativa que reúne histórias, memórias e reflexões das iniciativas de diversas regiões do Brasil, que reúnem psicanalistas em torno de um processo coletivo. Esses psicanalistas ocupam ruas, praças,

estações, periferias e oferecem uma escuta implicada sócio-politicamente. Agora, compartilho o trecho do Zine escrito pelo coletivo do qual faço parte:

“Desejo de manter o coletivo vivo”, frase que aparece na ata-artística da reunião de 22/09/2020, e nos atravessa, desde maio de 2017 até os dias de hoje. Em julho daquele ano colocamos as cadeiras de praia no centro da cidade de São Paulo/SP, na Praça Roosevelt, pela primeira vez. Abrimos a possibilidade de que as pessoas que circulavam por lá se deparassem conosco, com uma placa que dizia: “Clínica Aberta de Psicanálise – Público e Gratuito”, e com a possibilidade de escuta psicanalítica junto ao eventual desejo de falar.

Nesse primeiro dia, realizamos apenas um atendimento, mas esse número variou muito, chegando nos dias mais cheios ao número de quarenta pessoas. Os atendimentos passaram a acontecer todos os sábados das 11h às 14h, com a proposta de não haver valor em dinheiro cobrado pela sessão. Nosso começo é marcado pela invenção de um setting-praça e do deslocamento do dinheiro como forma única de se determinar o valor de uma sessão. Desde então, vamos à praça todos os sábados presencialmente (online durante a pandemia). Às terças nos reunimos para discutir os processos coletivos e os casos clínicos – ponto este que se tornou central na construção de uma transferência de trabalho entre as analistas. Construímos uma lógica clínica coletiva que nos permite apostar na psicanálise feita extramuros, numa praça. E qual foi a primeira fagulha para compor esse desejo coletivo de ir à praça e lá fazer uma clínica em 2017?

Em maio daquele ano, estávamos há cerca de seis meses do golpe parlamentar que retirou a presidenta Dilma Rousseff do governo. Estávamos um tanto desestabilizados com o atentado à democracia e diante de um não saber face à emergência conservadora. Eram execráveis as manifestações fascistas, como as saudações aos torturadores da ditadura [civil-militar] em pleno Congresso Nacional e nas ruas. Cada vez mais tais manifestações tomavam o espaço na vida pública e vários de nós nos encontrávamos divididos entre incredulidade e ímpeto de luta e resistência. Foi, então, a partir de um instante de ver, permeado por um não saber e seu sucessivo momento de compreender, o que nos levou ao ato de ocupar a praça. Pode-se dizer que o não saber teve uma função de formar coletivo, uma primeira fagulha que afetou os desejos de cada um de nós.

Já em uma perspectiva local, a Praça Roosevelt recém havia sofrido uma tentativa de cercamento a partir de um projeto de lei que propunha a transformação da praça em parque, a fim de controlar o fluxo e permanência de frequentadores, principalmente no período noturno. Esse projeto de lei foi construído de maneira unilateral por parte de moradores insatisfeitos com a alta circulação de pessoas de diversas origens sociais e geográficas. Para estes moradores não seria conveniente que as pessoas chegassem em busca de lazer gratuito e ocupassem a praça de maneira que lhes é incômoda, alegando que haveria excesso de barulho e lixo produzidos pelos frequentadores. Mas não é só isso.

O desejo de fechar o espaço, controlando a entrada, a saída e os modos de permanência na Roosevelt, tem forte viés higienista e gentrificador. Se medidas classistas e racistas já eram comuns na cidade, agora encontram ainda mais forças no momento político autoritário que atravessa o país desde 2016. O projeto de cercamento da praça, ao vir a público, causou forte reação de moradores, comerciantes e frequentadores que conseguiram se organizar para fazer pressão política e forçar que a ideia fosse engavetada. Porém, o desejo de controle do espaço e dos corpos que ocupam o espaço público ficou desnudo e insiste em se fazer presente de diversas outras maneiras.

Diante desse cenário, ocupar a praça com nossos corpos e nossas escutas como um ato político em favor do acesso não só à psicanálise, mas também ao espaço público, ao direito à cidade,

assim como fazem tantos outros atores que lá atuam. Nossa presença enquanto trabalho clínico se contrapõe ao esvaziamento do espaço público. (COLETIVO PSICANÁLISE NA PRAÇA ROOSEVELT, 2023, pp. 7, 8 e 9, grifo meu).

Em síntese, o funcionamento do coletivo Psicanálise na Praça Roosevelt acontece da seguinte maneira: atualmente somos 12 psicanalistas, realizando atendimentos semanalmente na praça aos sábados, das 14h às 17h. Toda terça-feira nos reunimos para entrevistas e discussões de casos. Entretanto, mensalmente, o coletivo escolhe uma data para estudar temas que nos atravessam, como raça, classe, gênero, desejo e psicose, entre outros. Não são todas as analistas que estão presentes na praça semanalmente; inventamos uma espécie de “grade” de trabalho, onde, no início de cada mês, cada uma escreve as datas em que estará disponível.

Há casos em que os pacientes são atendidos por uma analista fixa e outros em que o atendimento acontece em “rotatividade”, ou seja, a pessoa é atendida por uma analista diferente a cada semana. As pessoas chegam para o atendimento pela própria praça, de passagem pelo espaço público, ou por meio das redes sociais e instituições que nos conhecem e encaminham pessoas para a praça. Quando alguém passa pela praça, vê a placa próxima ao pergolado ou localiza nossa “base”, e deseja ser escutado por uma analista, ele solicita o atendimento na hora. Seu nome é anotado em um caderno, e os atendimentos são realizados por ordem de chegada. Todo o processo é sem burocracias e sem mediação de dinheiro.

Quando o paciente olha a placa, exposta próximo ao pergolado na praça, que indica nosso trabalho ou localiza a “base” (onde o coletivo aguarda e recebe os pacientes), ele solicita um atendimento e anotamos seu nome em um caderno e chamamos para o atendimento em ordem de chegada. É assim que funciona, sem burocracias, sem mediação de dinheiro.

Vale ressaltar que, além do nosso coletivo, há outros aliados na praça, como o coletivo Mutabis, que quinzenalmente promove um grupo de estudos em psicanálise e temas afins. Outro ponto importante a ser dito é que no início, o nosso coletivo se intitulava Clínica Aberta de Psicanálise, pois possui origens em outro espaço⁴⁴, mas devido às singularidades expostas em nosso trabalho, constituímos-nos como Psicanálise na Praça Roosevelt.

Falando em coletivos, o psiquiatra e psicanalista Jean Oury (1924-2014), fundador da clínica La Borde, destacava que “para um trabalho coletivo é preciso uma estratégia analítica, ou seja, fazer com que as pessoas tenham responsabilidades e distribuí-las”. Para ele, “o coletivo

⁴⁴ Ver COLETIVO PSICANÁLISE NA PRAÇA ROOSEVELT. *Zine Clínicas de Borda*. São Paulo: n-1 edições, 2023. Disponível em: https://issuu.com/n-1publications/docs/psicanalise_na_pra_a_roosevelt.

deve ser pensado como uma função [...], uma máquina de tratar a alienação, seja ela social ou de coisificação psicótica”. Oury também reforçava a importância de uma dimensão ética que perpassa a pergunta: “Que diabos estamos fazendo aqui?” [Qu’est-ce que je fous là?]. Dito isso, devemos considerar a nossa alienação nos grupos que formamos e, ao mesmo tempo, forjar uma dobra diante dos contornos impostos pela dominação antro-po-falo-ego-logocêntrica (Rolnik, 2018), que produz uma política reativa na subjetividade.

Se a psicanálise não conseguir agir conforme a crítica proposta pelo movimento da psicoterapia institucional, ou seja, colocar ao grupo ou instituição uma autocrítica enquanto produzir uma desalienação e coletivização, perdemos a chance de uma verdadeira transformação. Além da perspectiva de uma transformação do sujeito por meio de nossa escuta, também precisamos mudar enquanto força coletiva – em conexão com diversas redes que proliferam em diferentes territórios –, possibilitando que a história seja transformada e não se torne repetitiva e monótona.

LAÇOS COM OS TERRITÓRIOS

Quando um coletivo de psicanalistas ocupa uma praça sem a mediação de dinheiro, além da escuta, é fundamental construir laços com o território. No caso do Coletivo Psicanálise na Praça Roosevelt, por exemplo, em dias de chuva, os atendimentos são realizados em um espaço fechado localizado em frente à praça, mais especificamente em uma escola de teatro. As cadeiras utilizadas pelo grupo são guardadas no depósito de um prédio próximo, um espaço cedido por um morador. Após os atendimentos, é comum que os participantes se reúnam em um bar, onde trocam ideias, falam, partilham e se afetam pelos laços de amizade.

O coletivo não se limita à praça; há trocas de ideias com outros grupos e participação em eventos e atividades organizadas por diferentes coletivos, criando um espaço para dialogar sobre o trabalho e se contagiar com outros afetos e perspectivas. O grupo também escreve sobre suas experiências na praça, usando esse exercício como ferramenta para repensar conceitos e o próprio dispositivo clínico. É, portanto, uma coletividade que vai sendo tecida ao longo do processo.

Esse tipo de atuação configura-se como um ato contra-neoliberal, pois nesse sistema os laços coletivos são cada vez mais fragilizados, imperando o individualismo e a lógica do “empreendedor de si”. O neoliberalismo é avesso à coletividade, e a ausência de laços nos territórios e na comunidade contribui significativamente para o aumento de sofrimento psíquico e social, um fenômeno cada vez mais presente em nossa sociedade.

Em uma entrevista, Donna Haraway (2022) faz uma pergunta pertinente: “Como reconhecer nossas diferenças sem repudiar completamente o outro?” E complementa: “Precisamos encontrar uma linguagem que nos permita engajar quem está em lados opostos.” Nesse sentido coloco a seguinte questão: quem está em lados opostos? E, além disso, como se constitui esse “oposto”? Muitas vezes, esse “outro” pode ser um espaço na cidade que, inicialmente, parecia distante de nós, mas que pode ser ocupado e transformado em um lugar de circulação para a população. A construção de laços, portanto, emerge como uma tarefa ética e política, fundamental para fortalecer a coletividade e produzir novos espaços de encontro e resistência, novos territórios existenciais.

Guattari, em seu livro *Caosmose*, publicado em 1992, mais especificamente no artigo “Restauração da cidade subjetiva”, enfatiza a importância de repensarmos a arquitetura e os espaços urbanos, convidando arquitetos e urbanistas a se engajarem nos debates sobre a subjetividade. Ele reconhece que os territórios, os aspectos urbanísticos têm um impacto direto na produção da subjetividade, o que torna crucial considerar como a cidade em nosso trabalho analítico.

Para finalizar, gostaria de ressaltar que as práticas psicanalíticas que estão sendo realizadas nas ruas, praças e estações de diversos territórios evidenciam a importância dos corpos em movimento, ocupando esses espaços, e sublinham a relevância da cidade sobre a subjetividade. Acredito que esses atos constituem uma das maneiras de resistência à tentativa de total implantação do neoliberalismo em nossas vidas, propondo, em vez disso, uma renovação dos laços sociais e da subjetividade coletiva.

DESMONETARIZAR O INCONSCIENTE

Pensar coletivamente o acesso ao espaço público é também imaginar outro mundo possível, e para isso é necessário inventar coletivamente. Além disso, é importante refletir sobre a “desmonetarização do inconsciente”, como diz Daniel Guimarães (2018, s/p), ao ressaltar que o dinheiro, além de ser uma representação simbólica de “toda uma construção social, coloniza nosso inconsciente e impõe limites variados nas perspectivas de sonhar”.

Hoje, estou aqui falando por mim, me autorizo a compartilhar minha experiência com coletivos, sabendo que é impossível falar pelos outros. Todavia, de certa maneira, os outros que compõem o coletivo falam em mim, participam de um sonho comum e constroem um outro mundo de maneira comunitária.⁴⁵

É isso! Essa é a psicanálise que encontrei e venho construindo em minha caminhada: uma psicanálise viva, com seus problemas, mas em constante movimento, que segue produzindo espaços de dizer, de liberdade, compondo-se com o não saber. É preciso estar nas ruas, nas praças e na cidade, entendendo esses espaços como laboratórios de experimentação, onde a construção da vida se dá por meio das relações que se ampliam, sem cessar os fluxos desejantes.

REFERÊNCIAS

COLETIVO PSICANÁLISE NA PRAÇA ROOSEVELT. **Zine Clínicas de Borda**. São Paulo: n-1 edições, 2023. Disponível em: https://issuu.com/n1publications/docs/psicanalise_na_pra_a_roosevelt

DARDOY, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

FANON, Frantz (1952). **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Editora UFBA, 2008.

GONZALEZ, Lélia (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Por um feminismo afro-latino-americano**. Ensaios, intervenções e diálogos. Organização: Flávia Rios e Márcia Lima. Editora Zahar, 2020, pp. 75-93.

GUATTARI, Félix (1980). Pequenas e grandes máquinas de inventar a vida. In: **Os anos de inverno (1980-1985)**. São Paulo: n-1 edições, 2022. Tradução de Felipe Shimabukuro.

⁴⁵ Agradeço aqui a parceria das membras do coletivo Psicanálise na Praça Roosevelt por construir coletivamente esse sonho: Adriana, Ana B., Ana C., Aquinôa, Augusto, Cactano, Camila, Daniel, Denise, Juliana e Rodrigo.

GUATTARI, Félix. Entrevista com Michel Butel (1985). In: **Os anos de inverno (1980-1985)**. São Paulo: n-1 edições, 2022. Tradução de Felipe Shimabukuro.

GUATTARI, Félix (1992). **Caosmose**. São Paulo: Editora 34, 2012. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão.

GUIMARÃES, Daniel. **Pulou a catraca e foi ao psicanalista**. Outras palavras. Outras palavras. São Paulo, 10 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://outraspalavras.net/pos-capitalismo/pulou-a-catraca-e-foi-ao-psicanalista/>

GUIMARÃES, Daniel. **Baixou Oxóssi na clínica de psicanálise**. Outras palavras. Outras palavras. São Paulo, 01 de agosto de 2018. Disponível em: <https://outraspalavras.net/pos-capitalismo/pulou-a-catraca-e-foi-ao-psicanalista/>

HARAWAY, Donna. **Donna Haraway: 'A Amazônia tem integridade própria, não é uma prestadora de serviços'**. Entrevista concedida a Ruan de Sousa Gabriel. Rio de Janeiro: O Globo, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2022. <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2022/09/donna-haraway-a-amazonia-tem-integridade-propria-nao-e-uma-prestadora-de-servicos.ghtml>

OURY, Jean (1986). **O coletivo**. São Paulo: Editora Hucitec, 2009. Tradução de Antoine Ménard, Clara Novaes, Karina Soares Montmasson, Máira Uehbe Dubena.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SANTOS, Anderson (Org.) Guattari/Kogawa. Rádio Livre. Autonomia. Japão. Trad. Anderson Santos e Alan Belém. São Paulo: sobinfluencia, 2020.

TOSQUELLES, F. Frantz Fanon em Saint-Alban (1975). In: **Uma política da loucura e outros textos, org. Anderson Santos. São Paulo: Editoras Ubu e Sobinfluencia, 2024.**

TOSQUELLES, F. Uma política da loucura (1989). In: **Uma política da loucura e outros textos**, Org. Anderson Santos. São Paulo: Editoras Ubu e Sobinfluencia, 2024.

ZYGOURIS, Radmila. **Psicoterapia e Psicanálise**. São Paulo: Via Lettera, 2011. Tradução de Caterina Koltai.

ZYGOURIS, Radmila. **A escola da rua**. Revista Vórtice de Psicanálise, São Paulo, 2012.

Recebido em: 10/07/2024

Aceito em: 16/10/2024